



UFMG

Boletim

Nº 1.728 - Ano 37 - 28.2.2011

Medicina em um século



Acervo Centro de Memória da Medicina /UFMG

Médicos da turma de 1917, a primeira formada pela Faculdade de Medicina

A Faculdade de Medicina da UFMG comemora 100 anos no próximo dia 5 de março. Famosa por ter abrigado figuras ilustres, como o escritor Guimarães Rosa e o ex-presidente Juscelino Kubitschek, a unidade também se destaca por oferecer ensino cada vez mais vinculado à prática médica e por desenvolver programas, como o de triagem neonatal para diagnóstico de doenças congênitas, de grande capilaridade em Minas Gerais.

O IPTU e a prestação de serviços AMBIENTAIS

Humberto Coelho de Carvalho*

Pagar (conformadamente?) o IPTU é preciso. Viver (bem?) não é preciso.

Eo nosso IPTU anti(eco)lógico? Sua cobrança, principalmente a partir de 2010, reforça suspeitas de que urgentes providências precisam ser implantadas para melhorar a qualidade de vida na selva de pedra belo-horizontina. As premissas balizadoras do IPTU/BH poderiam ser melhor compatibilizadas com outras defendidas por diferentes setores da sociedade, como a melhoria do clima e da saúde, a diminuição da ação de gases responsáveis pelo efeito estufa e a prevenção das indesejáveis inundações.

Um bairro em expansão, tal como um ecossistema frágil, merece cuidados especiais. Os poucos remanescentes vegetais ainda existentes, a drenagem das águas pluviais, a qualidade e a circulação do ar, o nível da temperatura, a fluidez das vias de transporte e a convivência social, entre outros, estão sendo negativa e substancialmente afetados pelas atuais políticas relacionadas a esse imposto. As evidências de ser a vegetação a responsável maior pela retirada da atmosfera de gases envolvidos no aquecimento global, na captura e liberação da água dos terrenos, na regulação do ciclo dos nutrientes e no suporte de numerosas formas de vida destoam do propósito do IPTU/BH, que é *estimular edificações de imóveis residenciais e de serviços, maximizando a taxação de lotes com menor área construída*.

A gerência dos recursos ainda restantes pressupõe uma nova ética baseada em melhor conhecimento de nós mesmos e do mundo que nos cerca. Durante milhões de anos, evoluímos coexistindo com muitas outras espécies, num mesmo milagre comum. Agora, com nossa superpopulação e desenvolvimento desordenados, estamos destruindo os habitats naturais e reduzindo a diversidade biológica.

O (e)leitor deveria cobrar dos recém-empossados representantes públicos posturas mais afirmativas. Mudanças bruscas, de ano para ano no IPTU (em benefício de quem?), surpreendem negativamente o contribuinte.

As diretrizes do IPTU deveriam contemplar melhor os ingredientes urbanísticos e ambientais da questão, harmonizando-os mais satisfatoriamente com as políticas públicas

O caso de dois lotes contíguos é exemplar. Lote A (com casa ajardinada) e Lote B (com pequeno barracão e arborização cuidada). Ambos nos mesmos quarteirão, rua e bairro e com a mesma área:

- Percentual de aumento 2010/2009: Lote A= 23%; Lote B= 1165%

- Percentual de aumento 2011/2010: Lote A= 24% e Lote B= 94%

Determinados tipos de concentração imobiliária costumam gerar, em curto e médio prazos, mais problemas do que soluções. Uma mistura mais equitativa de escritórios, serviços e áreas verdes deveria ser buscada. Em vez de punir os proprietários dos poucos lotes citadinos ainda existentes, preferível seria considerá-los *prestadores de serviços ambientais* (com captação de gás carbônico, produção de oxigênio, regulação de temperatura e águas pluviais, suporte de formas outras de vida).

A implementação das atuais normas do IPTU/BH amplifica a tendência de elevação de temperatura e de alagamento de córregos e rios, retificados e impermeabilizados por cobertura de asfalto e concreto em seus leitos e margens. Grandes prédios de apartamentos, além de maior consumo médio de energia e água, exigem vultosos investimentos públicos. Um subproduto dessa opção são a crescente desorganização do trânsito e a eclosão de outros males sociais, muitos dos quais potencializados pela desarborização.

Os custos do empilhamento de pessoas em altos edifícios costumam não justificar

os benefícios fanfarronamente apregoados. As diretrizes do IPTU deveriam contemplar melhor os ingredientes urbanísticos e ambientais da questão, harmonizando-os mais satisfatoriamente com as políticas públicas, relacionadas a setores-chaves de habitação, transporte, saúde e educação.

Por que não um modelo de bairro sustentável, centrado na utilização de tecnologias limpas (energia solar e eólica), uso de bicicletas, coleta seletiva, composteiras para dejetos vegetais, armazenamento de água pluvial (para lavagem de calçadas, quadras ou irrigação de plantas etc.)? Por que não torná-lo um produtor de umidade refrescante, contendo viveiros de mudas para verdejar e florir ambientes domésticos? A criação e manutenção de áreas verdes nos diferentes bairros, absorvendo excessos de água nos tempos de chuva e elevando o teor de umidade nas épocas de seca, dificultaria nossa inclusão no rol de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, vítimas de planejamentos malfeitos ou mal implantados.

Governantes e governados: estamos considerando devidamente as catástrofes ambientais, em parte decorrentes de nossas políticas de ocupação do solo? Reconhecemos a prestação de serviços ambientais gratuitos proporcionados por algumas áreas verdes particulares, vistas como entraves à cancerígena expansão imobiliária que nos aflige? Desconfiamos que as taxas anuais de perda vegetal em bairros como Ouro Preto, Jardim Paquetá, Castelo e Santa Terezinha estão atingindo limites inaceitáveis? Temos ideia do percentual de proprietários de baixa e média rendas que negociaram seus lotes, migrando para áreas de risco, sujeitas a deslizamentos e inundações?

Protestos, mesmo discretos como este, são sinal de alerta. São como respostas imunológicas da comunidade. Discuti-las pode ter o mérito de chamar a atenção para problemas frequentemente ignorados. Com a palavra, o (e)leitor e o IPTU.

*Professor aposentado do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, através de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) ou de 57 a 64 linhas de 70 toques e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Na **DOSE** certa

Testes com peptídeo humano mostram resultados promissores no controle da pré-eclâmpsia

Ana Maria Vieira

A administração de doses extras de um hormônio produzido pelo próprio corpo está proporcionando melhora clínica em grupo de mulheres grávidas que sofre de pré-eclâmpsia. Os testes com o novo tratamento estão em curso desde 2008 no Hospital das Clínicas da UFMG. Conduzidos por pesquisadores do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Nanobiofar, eles envolvem a aplicação do peptídeo (pedaço de proteína) angiotensina 1-7, ou ang-(1-7), com a aprovação do Comitê Nacional de Ética na Pesquisa, vinculado ao Ministério da Saúde, e de conselho correlato da UFMG.

Doença que se manifesta mais frequentemente no último trimestre da gestação e entre as primíparas – mulheres que estão grávidas pela primeira vez –, a pré-eclâmpsia pode evoluir silenciosamente. Seus sinais mais comuns são a elevação da pressão arterial, dor de cabeça, presença de proteína na urina e deterioração das funções do fígado e dos rins. Em sua fase mais severa, a eclâmpsia propriamente dita se instala, e a grávida pode passar a sofrer convulsões, distúrbios visuais, descolamento da placenta e acidente vascular cerebral.

A estratégia proposta pelos pesquisadores mineiros para auxiliar no controle da pré-eclâmpsia por meio da angiotensina (1-7) não é aleatória. A substância, produzida em todas as células, integra o sistema renina-angiotensina, que atua na corrente sanguínea, nos rins e no coração. Com função vasodilatadora, a ang-(1-7) regula a pressão arterial. Sua identificação ocorreu na década de 1980 pelo professor do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG Robson Augusto Souza dos Santos, coordenador do estudo na Universidade.

Ele explica que, entre mulheres com pré-eclâmpsia, há diminuição dos níveis de ang-(1-7). “Além disso, nelas também ocorre redução da expressão do receptor dessa angiotensina (Mas), uma proteína existente na membrana das células que interage com o peptídeo para que ele produza seus efeitos”, detalha.

A percepção desse desequilíbrio motivou a equipe a tratar pacientes com a doença, normalizando seus níveis de angiotensina com doses baixas da mesma substância,

na chamada faixa fisiológica. Antes, porém, teve sua tese demonstrada em testes com camundongos alterados geneticamente para não abrigar o receptor Mas. “As fêmeas desenvolveram quadro semelhante à pré-eclâmpsia, o que nos motivou a realizar o ensaio clínico com o grupo de mulheres”, relata Robson dos Santos.

De acordo com o professor, uma das vantagens do uso do peptídeo ang (1-7) no controle da doença é que ele não apresentaria toxicidade para a mulher e o embrião, em qualquer de suas fases, pois é uma substância endógena, produzida pelo organismo humano, que aumenta naturalmente na gravidez normal. A maioria dos medicamentos anti-hipertensivos disponíveis são contraindicados para grávidas, pois desencadeiam má-formação em órgãos dos fetos.

Novo medicamento

A utilidade do achado para a população brasileira não é pouca, especialmente quando se sabe que a pré-eclâmpsia e a eclâmpsia são a maior causa de mortalidade materna no país – estão relacionadas a 37% das mortes decorrentes diretamente da gestação e do parto.

Apesar da alta incidência, a doença ainda é pouco compreendida no meio especializado. “Há diversas teorias, mas até hoje não se sabe com exatidão como é o mecanismo da eclâmpsia e como se dá a interação de tantas variáveis, como as ambientais e genéticas, por exemplo, em seu desencadeamento”, diz o coordenador da pesquisa.

Ele lembra, exemplificando a influência genética, que a doença é muito comum entre populações negras, mais sensíveis também a doenças hipertensivas. Na Europa, o índice chega a 1%, enquanto no Brasil, possivelmente devido à miscigenação, ele sobe para 5% em diversas regiões. Um dos consensos, no entanto, é que o mal parece resultar, entre outros fatores, de reação do sistema imunológico à presença do embrião.

A expectativa da equipe de pesquisadores da UFMG é que, controlando a síndrome ou suas complicações com auxílio do uso do peptídeo, seja evitado o procedimento padrão no tratamento do problema, quando o quadro progride. “A antecipação do parto é o único tratamento definitivo para a pré-eclâmpsia”, informa o texto do manual técnico *Gestação de Alto Risco*, editado pelo Ministério da Saúde e que, em 2010, encontrava-se em sua quinta edição.

A recomendação pela interrupção da gravidez a partir da 20ª semana – que não configura aborto – tem sua razão de ser: a doença proporciona risco de morte para a mãe e para o feto, que também pode sofrer danos neurológicos. Se o parto for antecipado, ele tem aumentada sua chance de desenvolvimento em incubadoras.

Os estudos na UFMG devem resultar em medicamento por via endovenosa e também oral. Segundo Robson dos Santos, a chegada do produto ao mercado deverá ser concretizada pela União Química, empresa para a qual a Universidade realizou transferência de tecnologia relacionada ao estudo.

Até lá, no entanto, outro percurso ainda deve ser feito pelos pesquisadores: a atual etapa de testes, chamada fase clínica 2 (feita com humanos que sofrem da doença) será finalizada até o primeiro semestre de 2012. Depois disso, eles devem ser aplicados por diversos centros de pesquisa no país. No HC, os ensaios são coordenados pelos professores Antônio Carlos Vieira Cabral, Henrique Vitor Leite e Zilma Silveira Nogueira Reis, da Faculdade de Medicina, com a participação da pesquisadora Elizabeth Portugal Velloso.



Ela lida com “GENTE de



Bruna Carvalho

Vista aérea da Faculdade de Medicina: prática médica aliada ao avanço tecnológico

Faculdade de Medicina comemora 100 anos cada vez mais próxima da população

Larissa Nunes

Ao anotar que “uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil e tantas misérias”, João Guimarães Rosa criticava o distanciamento entre o sistema político e a população brasileira. Mas não seria nada impróprio se o trecho de *Grande sertão: veredas* também tivesse sido escrito para alfinetar o ensino médico há 80 anos, época em que um dos mais renomados escritores brasileiros estudava na Faculdade de Medicina da UFMG.

Nos 100 anos de existência da quarta escola de medicina mais antiga do país, fundada em 5 de março de 1911, poucas transformações foram tão orgulhosamente recebidas como a aproximação do ensino com a prática médica. Ano após ano, os alunos são inseridos, sob acompanhamento de professores, com mais antecedência nos ambientes de cuidados com a saúde, onde têm contato com os pacientes “de carne e sangue”. Hospitais, ambulatórios, postos de

saúde, creches e asilos transformaram-se nas melhores salas de aulas.

“No início, o trabalho com o público era pequeno, e os projetos de extensão, quase inexistentes. Hoje, os alunos têm aulas nos ambulatórios e fazem o internato rural”, aponta o professor Ajax Pinto Ferreira, do Departamento de Cirurgia e formado pela turma de 1971. Ele se refere ao programa que prevê a estada, por três meses, de alunos do último ano do curso em cidades do interior de Minas Gerais. Nesse período em que atendem moradores de lugares com recursos mais limitados e “sem ressonância magnética”, como destaca o professor.

Portas abertas

Ao mesmo tempo em que a Faculdade de Medicina vai invadindo, no melhor sentido da palavra, espaços de saúde pública, nota-se que o caminho inverso vem sendo percorrido: a população nunca esteve tão representada dentro da unidade.

O curso de Medicina, que no passado já foi tachado de elitista, está formando alunos de todas as classes sociais. “A política do bônus no vestibular para alunos negros e pardos e oriundos de escolas públicas ajudou a diversificar nosso corpo discente”, destaca o diretor da Faculdade de Medicina, Francisco Penna.

Há 10 anos, a Faculdade abriu suas portas para outra área da saúde: a Fonoaudiologia, cuja graduação recebe 50 alunos por ano. A área estuda agora estruturar programas de pós-graduação. E mais recentemente, com o curso Tecnologia em Radiologia, implantado em 2010, a instituição passou a receber estudantes no período noturno e ingressou de vez no ramo das graduações tecnológicas, formando profissionais para atuar nas áreas de Medicina Nuclear, Radiologia e Radioterapia.

Com o pé na UFMG

Quase todos os mineiros nascem com o pé na UFMG. A brincadeira é quase um clichê, mas serve para ilustrar o alcance do trabalho do Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico (Nupad), criado em 1993. Ele é responsável pelo terceiro maior programa de triagem neonatal do mundo, atrás apenas de duas iniciativas norte-americanas. O “teste do pezinho” permite a detecção precoce de quatro doenças: fenilcetonúria, hipotireoidismo congênito, doença falciforme e fibrose cística.

Além de se destacar no diagnóstico, o Nupad é reconhecido pelo acompanhamento prestado às crianças que recebem o resultado positivo para essas doenças. “É o nosso diferencial. Em muitos setores, realiza-se somente a triagem. No Nupad, nós fazemos o tratamento – e sem ônus algum para o paciente”, afirma Francisco Penna.

Triagem neonatal: diagnóstico de quatro doenças congênitas



CARNE e SANGUE”

Outra referência no país é o Núcleo de Educação em Saúde Coletiva (Nescon), responsável por pesquisas e assessoria na área de políticas públicas e por desenvolver trabalho de capacitação de profissionais para atuação no Sistema Único de Saúde, principalmente na Atenção Básica em Saúde da Família.

Ainda no ramo da medicina preventiva e social, destaca-se o Projeto Manuelzão, criado em 1997 por iniciativa de professores da Faculdade de Medicina para o desenvolvimento de atividades de revitalização da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas. A proposta dos médicos de lutar pela promoção de qualidade de vida teve tanta repercussão em Minas Gerais, que, hoje, o Manuelzão já se destaca com projetos também na área cultural.

Com o pé no futuro

Em abril, chega à faculdade o equipamento Pet Scan, que funcionará dentro do Instituto Nacional em Ciência e Tecnologia (INCT) de Medicina Molecular. Com custo estimado em mais de R\$ 7 milhões, o aparelho é capaz de realizar exames de imagem para detecção precoce de tumores e do Alzheimer. Os primeiros beneficiados pela novidade serão os pacientes do Hospital das Clínicas da UFMG.

Outro projeto que promete ser um marco tecnológico nas atividades da Faculdade de Medicina é o Laboratório de Genômica, com inauguração prevista para 2011. Ao mapear o genoma a custos mais baixos, o laboratório poderá contribuir decisivamente na prevenção e tratamento de doenças de alta incidência, como hipertensão, aterosclerose e até mesmo o câncer. “Seu grande diferencial será a capacidade de ler o genoma e selecionar informações importantes para a medicina”, afirma o professor Sérgio Danilo Pena, um dos responsáveis pelo primeiro sequenciamento de genoma realizado no Brasil, iniciado em 1992.

Ao Cetes, Centro de Tecnologia Educacional em Saúde, atribui-se o primeiro impulso que empurrou a Faculdade de Medicina para mais perto da tecnologia da saúde. A distância, os cursos contam com animações, vídeos e recursos 3D que estimulam o aprendizado dos alunos. O Cetes também disponibiliza manequins robotizados e semirrobotizados para aulas práticas no laboratório de Simulação.



O Palacete Thibau, no Centro de BH, foi a primeira sede da Faculdade de Medicina

Acervo Centro de Memória da Medicina UFMG

Em 17, os primeiros 17

Foi em um prédio na esquina da avenida Afonso Pena com rua Espírito Santo que, em 1917, Belo Horizonte viu graduar-se seus 17 primeiros médicos. A atual sede, apelidada de “Caixotão”, só foi erguida em 1960, na avenida Alfredo Balena, depois que a anterior, no mesmo endereço, foi demolida. No “Caixotão”, a Medicina cresceu e se consolidou, passando a receber 320 calouros todos os anos, frente aos 160 que ingressavam até os anos 60. Hoje, são quase 2 mil estudantes, 11 departamentos, 398 professores e 115 funcionários técnico-administrativos.

A Faculdade de Medicina também ganhou seus “tentáculos”: o Hospital das Clínicas, na área hospitalar, e, mais recentemente, o Risoleta Tolentino Neves, na região de Venda Nova. Juntos, oferecem 62 programas de residência médica. A unidade também deu origem ao Instituto de Ciências Biológicas, hoje no campus Pampulha.

Dos mais de 15 mil diplomas emitidos pela Faculdade de Medicina, alguns guardam assinaturas que também marcaram a história do Brasil. Além de Guimarães Rosa, formado pela turma de 1930, passaram pela Medicina da UFMG Juscelino Kubitschek e Pedro Nava, colegas até 1927, Amílcar Viana Martins, em 1929, e Ivo Pitanguy, em 1946.

*Jornalista da Assessoria de Comunicação Social da Faculdade de Medicina da UFMG



Programação

Dia 14 de março, às 17 h

▶ Inauguração da 1ª etapa das obras externas do Edifício da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

▶ Apresentação da Banda da Polícia Militar de Minas Gerais

- ▶ Apresentação dos Doutores da Alegria
- ▶ Descerramento de placa comemorativa
- ▶ Homenagem ao professor, professora, funcionário e funcionária técnico-administrativos em educação com mais tempo de atividade na Instituição
- ▶ Lançamento do livro “Medicina: História em Exame”, organizado por Heloisa Starling, Lígia Beatriz Paula Germano e Rita de Cássia Marques
- ▶ Palestra “Literatura infantil e meio ambiente”, com o professor Ângelo Machado

Dia 28 de março, às 19h30, no Minascentro

- ▶ Sessão solene de Comemoração do Centenário da Faculdade de Medicina da UFMG
- ▶ Apresentação do vídeo institucional “Faculdade de Medicina da UFMG: um século de história” e Conferência Humanização da Saúde, pela escritora Adélia Prado

Quinze empresas vão ocupar o BH-Tec

Primeiro prédio tem inauguração prevista para junho

Da redação

O Parque Tecnológico de Belo Horizonte (BH-Tec) escolheu as 15 empresas que vão ocupar o primeiro prédio do empreendimento, com inauguração prevista para junho deste ano. As empresas são Usiminas, St. Jude Medical Brasil, Labtest Diagnósticos, Ecovec, Labfar, Mundus Carbo, Zunnit, I-Vision, Samba Tech, Takenet, Siteware, Enacom, ATI, Neocontrol e IEBT – Instituto para o Desenvolvimento de Empresas de Base Tecnológica.

De acordo com o diretor-presidente do BH-Tec, Ronaldo Pena, essas empresas vão se instalar em cerca de 2.500 metros quadrados do prédio, que tem cinco andares dedicados a escritórios, auditório e salas de reunião, mais quatro andares (4500 metros quadrados) de garagem.

O prédio está sendo construído com recursos do governo de Minas Gerais. No mês que vem, o BH-Tec promoverá chamada pública para reunir empreendedores

imobiliários visando à construção de novas unidades. Para Ronaldo Pena, reitor da UFMG na gestão 2006-2010, a entrada das primeiras empresas marca etapa fundamental do empreendimento. “Chegamos a essa fase depois de grande esforço de diversas instituições e pessoas. Agora, vamos continuar avançando para confirmar a certeza de que o BH-Tec será referência mundial na promoção de convivência de empresas de base tecnológica”, ele disse.

Confira o perfil das empresas

• Centro de Tecnologia da Usiminas

Empresa-âncora do BH-Tec, seu objetivo é desenvolver um centro de referência tecnológica em minério de ferro.

• St. Jude Medical Brasil

O negócio da empresa é a produção de equipamentos médicos, sobretudo na área cardiovascular, como válvulas cardíacas artificiais (biológicas e mecânicas) e dispositivos de eletroestimulação (marca-passo).

• Labtest Diagnósticos

Desenvolve produtos e tecnologias para diagnósticos *in vitro*: reagentes, kits diagnóstico e equipamentos para laboratórios de análises clínicas. Pretende desenvolver kits próprios, visando à substituição de importações.

• Ecovec S.A.

Desenvolve soluções em vigilância epidemiológica para a saúde pública, com foco na dengue. No BH-Tec, vai prestar serviços de diagnóstico por biologia molecular para análise viral nos mosquitos coletados semanalmente pelo Monitoramento Inteligente da Dengue.

• Labfar

Holding que se organizou para desenvolver novos fármacos e formulações, prestar serviços de ensaios pré-clínicos e em modelos animais e gestão da propriedade intelectual.

• Mundus Carbo

Empresa mineira de prestação de serviços na área ambiental. Desenvolve projetos de sustentabilidade com foco na redução das emissões de gases de efeito estufa, inventário desses gases e consultoria em tecnologias ambientais voltadas para a economia de baixo carbono.

• Zunnit

Oriunda do Departamento de Ciência da Computação da UFMG, pretende desenvolver localizadores de conteúdos na internet.

• I-Vision

A empresa emprega alta tecnologia no desenvolvimento de câmeras inteligentes e algoritmos embarcados para “visão de máquina”.

• Samba Tech

Atua na área de tratamento de dados e provimento de serviços de aplicação para a internet. Está focada no gerenciamento e distribuição de vídeos online, utilizando o conceito de logística digital.

• Takenet

Ligada ao segmento de Serviços de Valor Agregado (SVA) para telefonia celular, trabalha como provedora de serviços multimodais, integrando dados, conteúdo, voz e vídeo às operadoras de telefonia, empresas, anunciantes e patrocinadores.

• Siteware

Atua no desenvolvimento de sistemas para melhoria contínua no modelo de gestão por resultados. Desenvolve soluções para gestão de resultados em mineração.

• Enacom

Sua atividade agrega conhecimentos oriundos de atividades de pesquisa, feita, em grande parte, pelos próprios sócios. A empresa demonstra preocupação com propriedade intelectual, tendo obtido alguns registros de software.

• ATI Automação, Telecomunicação e Informática

Atua em pesquisa, desenvolvimento, industrialização e comercialização de equipamentos eletroeletrônicos de automação e de telecomunicações.

• Neocontrol

Desenvolve linha de produtos para automação residencial com excelente relação custo-benefício.

• Instituto para o Desenvolvimento de Empresas de Base Tecnológica (IEBT)

Presta serviços nas áreas de gestão, treinamento e investimento. Suas atividades envolvem assessoramento para pré-incubação e incubação de empresas, elaboração de planos de negócios, tomada de decisões estratégicas e captação de recursos. Realiza também planejamento e implementação de sistemas de gestão da inovação em empresas.

MAURO BORGES na ABDI

O professor Mauro Borges Lemos é o novo presidente da Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI). A posse aconteceu em 22 de fevereiro, em Brasília, com a presença do ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Fernando Pimentel, ex-prefeito de Belo Horizonte e professor da Faculdade de Ciências Econômicas (Face) da UFMG.

Lemos é doutor em Economia pela Universidade de Londres, professor titular do Departamento de Ciências Econômicas da Face e foi diretor do Cedeplar. Com pós-doutorado na Universidade de Illinois e na Universidade de Paris, possui experiência nas áreas de planejamento e desenvolvimento regional, industrial e tecnológico, tendo atuado em diversos projetos de pesquisa relacionados a esses temas, muitos dos quais na condição de coordenador.

A ABDI é responsável pela execução da política industrial no país. Suas metas específicas estão direcionadas hoje para a ampliação das exportações; fortalecimento das micro e pequenas empresas; regionalização; integração produtiva da América Latina e Caribe, integração com a África; e produção sustentável.

Nova SUPERINTENDÊNCIA

O reitor da UFMG, Clélio Campolina Diniz, criou a Superintendência de Infraestrutura e Manutenção, que funcionará com status de Pró-reitoria. A nova estrutura será coordenada pelo professor José Nagib Cotrim Árabe, que ocupava a Pró-reitoria de Planejamento (Proplan).

Em nota à comunidade universitária, o reitor afirma que a expansão de vagas na graduação e o forte incremento das atividades de pesquisa e extensão tornam “extrema prioridade adequar a infraestrutura da UFMG aos novos desafios”. Segundo a nota, tal tarefa não cabe na rotina de trabalho das pró-reitorias existentes, nem seria apropriado criar uma nova Pró-reitoria – porque tal iniciativa não proporcionaria a agilidade que se precisa e porque, passada a fase atual, uma nova Pró-reitoria poderia se tornar desnecessária.

Nagib Cotrim Árabe será substituído na Proplan pela professora Maria Lucia Malard, que ocupava o cargo de pró-reitora adjunta de Planejamento desde o início da atual gestão.

300 anos de HUME

O Grupo Hume da UFMG realiza em março duas conferências especiais em comemoração aos 300 anos do pensador escocês David Hume. Programação inicial prevê exposições dos professores Don Garret, da New York University, e Geoffrey Sayre-McCord, da University of North Carolina at Chapel Hill. No dia 10 de março, Garret fala sobre *Rethinking Hume's second thoughts about personal identity*. No dia seguinte (11/3) é a vez de McCord abordar o tema *Humean contractarianism*.

As conferências acontecem às 10h, na sala 4090, na Fafich – avenida Antônio Carlos, 6627, campus Pampulha. O Grupo Hume foi constituído em 2001 e reúne professores e alunos de graduação e pós-graduação em filosofia e ciências humanas em estudos sobre o filósofo escocês, que viveu no século 18 (1711-1776). Informações: www.grupohume.blogspot.com.

LETRA A

A edição 24 do jornal Letra A já está disponível para leitura na web e traz discussões sobre os avanços das políticas etnoraciais nas escolas e os projetos de educação diferenciada no país. Editada pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita (Ceale), da Faculdade de Educação (FaE) da UFMG, em parceria com o MEC, a publicação tem circulação nacional e periodicidade bimestral.

Na nova edição, um dos destaques é a discussão sobre a dificuldade de comunidades indígenas, quilombolas e camponesas de fortalecerem suas culturas e conquistarem uma educação que atenda a seus interesses. A reportagem também mostra como a luta contra o preconceito está cada vez mais integrada às políticas educacionais. O conteúdo pode ser lido no endereço <http://ceale.fae.ufmg.br/publicacoes.php?catid=107&txtid=94>.

Visitas ao MUSEU

Escolas, instituições e grupos particulares interessados em visitar o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG (foto) podem fazer agendamento no Centro de Extensão do local, pelo e-mail cenex@mhjnb.ufmg.br. O espaço possui infraestrutura e diversas atrações para receber visitantes, que podem ser conferidas no portal www.mhjnb.ufmg.br.

Excursões em grupo são realizadas de terça a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 16h. Segundo orientação da direção do Museu, é necessário enviar ofício solicitando a visita. As instruções para o procedimento estão disponíveis no portal do MHNJB. Mais informações pelo telefone (31) 3461-4204.



Miguel Aum

Errata

BOTULISMO

Na matéria *Um só “tiro” no botulismo*, publicada na edição 1.726, de 14 de fevereiro, foi informado que as vacinas convencional e com quitosana testadas em bovinos para prevenção do botulismo apresentavam índice satisfatório de anticorpos no 42º dia de vida do animal. Na verdade, isso ocorre no 42º dia após a administração das vacinas.

Os **CIENTISTAS** que queriam mudar o Brasil

Historiadora relata em livro a trajetória dos 'biólogos militantes' do Museu Nacional do Rio de Janeiro

João Kleber de Mattos

Na primeira metade do século 20, um grupo de cientistas acreditou que poderia usar seu conhecimento para transformar o Brasil. Escreveu livros, produziu programas de rádio e filmes educativos, editou revistas, organizou exposições, congressos e sociedades científicas e viajou o mundo em visitas a museus e universidades, desfaldando uma bandeira preservacionista que só se transformaria em agenda global algumas décadas depois.

A experiência durou menos de 20 anos, mas deixou marcas na história da ciência brasileira. A ponto da professora Regina Horta Duarte, do Departamento de História da Fafich, registrá-la no livro *A biologia militante: o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*, lançado recentemente pela Editora UFMG, dentro da coleção do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (leat).

A saga foi protagonizada pelos cientistas do Museu Nacional do Rio de Janeiro. “O que eles queriam era mudar o país”, afirma Regina Horta. Segundo ela, o grupo atuava junto ao Ministério de Educação e Saúde do Governo Vargas e pressionava pela elaboração de leis voltadas para a preservação da natureza. Um dos frutos mais importantes desse esforço foi o Código de Caça e Pesca, publicado em 2 de janeiro de 1934 no Diário Oficial. O decreto baseava-se no anteprojeto elaborado pelo diretor do Museu, Roquette-Pinto, pelo botânico Alberto Sampaio e pelo aracnólogo Mello Leitão, que, em 1918, fora professor da antiga Faculdade de Medicina de Belo Horizonte – uma das quatro unidades que em 1927 dariam origem à UFMG.

Esses cientistas, segundo Regina Horta, estavam conectados com o conhecimento gerado no mundo à época. Dedicavam-se à produção e divulgação científica nas áreas de botânica, antropologia, paleontologia e zoologia. Montaram uma sala de cinema no Museu Nacional para exibição de filmes educativos realizados na instituição.

De acordo com a historiadora, a influência dos cientistas do Museu Nacional perdeu força a partir do final da década de 40. Um dos fatores do esquecimento de sua ação preservacionista pode estar associado à onda desenvolvimentista que tomou conta do país a partir de então. “Suas ideias passaram a ter ressonância cada vez menor”, diz a professora.

Interesse

A biologia militante é resultado de tese defendida, em março do ano passado, pela professora Regina Horta em concurso para professor titular do Departamento de História da Fafich. Seu interesse pela trajetória dos pesquisadores do Museu Nacional surgiu nas atividades do Grupo de Pesquisa Coleção Brasileira, liderado pela professora Eliana Dutra. Os cientistas do Museu Nacional publicaram vários livros nessa coleção, organizada por Fernando Azevedo a partir de 1931.

Regina Horta pesquisou arquivos na Argentina, Uruguai, São Paulo e Rio de Janeiro. Entre os desafios, a historiadora menciona o estudo da história da biologia. “Cheguei à conclusão de que a reflexão sobre o tempo é tão essencial na história quanto na biologia. As duas disciplinas lidam com a importância do acontecimento e da criação e também ressaltam que é preciso considerar o jogo das probabilidades entre o acaso e a necessidade”, comenta ela, que frequentou a Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional, fundado por Dom João VI em 1818, no Rio de Janeiro, e que hoje está vinculado à UFRJ.



Livro: *A biologia militante: o Museu Nacional, especialização científica, divulgação do conhecimento e práticas políticas no Brasil – 1926-1945*

Autora: Regina Horta Duarte

Editora: UFMG

Área: História da Ciência/História do Brasil

Coleção: leat

218 páginas

R\$ 42

EXPEDIENTE

Reitor: Clélio Campolina Diniz – Vice-reitora: Rocksane de Carvalho Norton – Diretor de Divulgação e Comunicação Social: Marcelo Freitas – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto e editoração gráfica: Rita da Glória Corrêa – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 8 mil exemplares – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefones: (31) 3409-4184 – Fax: (31) 3409-4188 – Internet: <http://www.ufmg.br> e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.



Boletim

IMPRESSO